

## RECENSÕES

COLONELLI, Cristina Argenton. *Bibliografia do folclore brasileiro*. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979. 294 p. (Col. Folclore, n. 19)

A falta, no Brasil, de uma publicação que indique periodicamente as pesquisas em processo é responsável pela duplicação de atividades idênticas, como as que ocorrem com o Folclore, objeto de duas bibliografias retrospectivas: a de Bráulio Nascimento (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1971) e a que ora comentamos, já divulgada, aliás, na obra coletiva *Introdução ao estudo da antropologia no Brasil*, organizada pelo professor Egon Shaden (São Paulo, Seminário Internacional de Estudos Brasileiros, 1971).

Estudante de antropologia, a sra. Cristina Argenton Colonelli fez pesquisas, para a bibliografia supra referenciada, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP (1970-71), completando-as na Universidade do Texas (1975), em Brasília e no Rio de Janeiro. Seu livro referencia sinaleticamente 4.919 livros e artigos publicados no Brasil. As referências são apresentadas em ordem onomástica, havendo um índice inexatamente denominado "remissivo de assuntos". Digo inexatamente porque trata-se, na verdade, de um índice sistemático, de acordo com a seguinte classificação: *I*. Generalidades; *II*. Ciência do Folclore; *III*. Música; *IV*. Linguagem Popular; *V*. Literatura Oral; *VI*. Folclore Infantil; *VII*. Artes e Técnicas; *VIII*. Usos e Costumes; *IX*. Lúdica; *X*. Crendices e Superstições; *XI*. Estudos sobre o Negro. Cada classe é subdividida segundo a forma, o gênero, a natureza e/ou os temas específicos de cada trabalho referenciado.

Parece-me que o arranjo principal da obra deveria ser o adotado no índice. Mas a autora cedeu ao vezo de certos bibliotecários pela ordem alfabética, a ponto de adotar o mesmo critério para ordenar diferentes trabalhos de um autor, quando a ordem cronológica é, evidentemente, muito mais sugestiva, ao evidenciar tanto as prioridades como a evolução do assunto.

Há que lamentar-se, ainda, a falta de uniformidade na grafia dos nomes dos autores: há Sales com um e dois es, Vianas com um e dois enes, Sousas com s e com z, Melos com um e dois es, etc. Se a autora preferiu respeitar a vontade dos autores — como determinar, aliás, o acordo ortográfico — por que grafou Gilberto Freyre com *i*, quando é público e notório que o referido escritor faz questão do *y*, adotado por seu pai por respeito à ascendência espanhola da família?

Lamentável é, também, que os travessões utilizados para evitar a repetição do nome de um autor na referenciação de vários trabalhos seus apareçam no início das páginas: falta de um impressor desatento às diferenças entre a paginação do original datilografado e a do livro impresso. mas a impressão, revisão e edição de bibliografias é trabalho que não dispensa a orientação do bibliógrafo.

EDSON NERY DA FONSECA  
Universidade de Brasília